

80 anos depois: um mal-estar ambiental

Fausto A. de Azevedo

Farmacêutico-Bioquímico, USP; Especialista em Saúde Pública, USP; Mestre em Análises Toxicológicas USP; ex-Coordenador de Toxicologia da CETESB-SP; ex-Professor Titular de Toxicologia da PUC-Campinas; ex-Diretor Geral do Centro de Recursos Ambientais CRA-BA; ex-Gerente de Vigilância Sanitária da Secretaria da Saúde-BA; ex-Presidente do CEPED-BA, ex-Subsecretário do Planejamento, Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, ex-Superintendente de Planejamento Estratégico do Estado da Bahia. Professor e co-Coordenador do curso de pós-graduação em Ciências Toxicológicas das Faculdades Oswaldo Cruz, São Paulo. E-mail: fausto@intertox.com.br

Resumo

O artigo intenta, como primeira tentativa, compreender, apreender e manejar conceitos e mecanismos fundamentais da “ciência da psique”, muito lastreado em alguns aspectos do vasto conhecimento freudiano, de forma a poder entender, para depois ousar explicar, a relação até aqui tão negativa e destrutiva do ser humano com seu meio ambiente. Idéias como pulsão de vida e pulsão de morte são trazidas à cena e discutidas na expectativa de aclarar a questão.

Palavras-chave: Ecologia. Ecologia mental. Pulsão de morte. Psicanálise.

Abstract

The article attempts, as the first attempt, to understand and manipulate concepts and the fundamentals of the "science of the psyche", backed by some aspects of Freud's vast knowledge, in order to understand, then try to explain, the relationship so far negative and destructive human beings and their environment. Ideas such as life instinct and death instinct are brought to the scene and discussed the expectation of clarifying the issue.

Keywords: Ecology. Mental ecology. Death instinct. Psychoanalysis.

Todas as evidências objetivas dos dias atuais escancaram uma situação de degradação da saúde ambiental, da saúde social, da saúde familiar e da saúde psíquica individual.

Nada disso é novidade. A novidade (negativa), sem dúvida, é a carga, a intensidade com que tudo isso se dá no presente, e o seu aparentemente possível – e assustador – grau de irreversibilidade.

Dizemos que não é novidade uma vez que, a partir do século XIX, e entrando pelo XX, autores de clareza irritante e de discurso afiado, psicanalistasⁱ e filósofosⁱⁱ, economistasⁱⁱⁱ e biólogos^{iv}, políticos^v, religiosos^{vi} e ativistas^{vii}, têm denunciado o fato.

Fiquemos, nesse sentido, com dois deles, cada um, ao seu modo e em seu campo, definidores de mudanças em nossa linha de pensamento. Referimo-nos a Sigmund Freud e a Félix Guattari.

Já há 80 anos, em 1930, no hoje clássico *O mal-estar na civilização*^{viii}, Freud questiona agudamente a capacidade das sociedades modernas em controlar suas pulsões destrutivas. Discutiremos essa reflexão de Freud mais adiante.

Guattari, por sua vez, abre (o hoje também clássico) *As três Ecologias*^{six} afirmando:

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais se engendram fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície.

Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente "ossificada"

por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão...^x

E vai além, fornecendo-nos uma provocação psicanalítica ao considerar logo em seguida:

É a relação da subjetividade com sua exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e **infantilização regressiva**.^{xi} (grifo nosso)

Depois, ainda no início de sua obra citada, arremata:

[...] ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo ecosofia – entre os **três registros ecológicos** (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões.^{xii} (grifo nosso)

A visão ácida – porém realista – de Guattari quanto a nossa evolução social mundial é de que:

No que concerne ao eixo Norte-Sul, dificilmente pode-se imaginar que a situação melhore de maneira considerável. Certamente é concebível que a progressão das técnicas agroalimentares acabe por permitir a modificação dos dados teóricos do drama da fome no mundo. Mas na prática, enquanto isso, seria totalmente ilusório pensar que a ajuda internacional, da maneira como é hoje concebida e dispensada, resolva duradouramente qualquer problema que seja! **A instauração a longo prazo de imensas zonas de miséria, fome e morte parece daqui em diante fazer parte integrante do monstruoso sistema de "estimulação" do Capitalismo Mundial Integrado.** ^{xiii,xiv} (grifo nosso).

Escolhemos o polêmico autor francês, Félix Guattari, por haver sido ele, como traz seu vasto currículo, também um psicanalista, que, apesar de contestar Freud em

muitos aspectos, bem como inquirir o freudismo de maneira até áspera, estabeleceu uma ponte bastante importante (e que muito nos interessa) entre as forças do aparelho psíquico e a questão humana da ordem ecológica, que, em última instância, diz respeito às chances de sobrevivência de nossa espécie no planeta. Não sabemos de algum outro pensador com sólida formação psicanalítica que tanto tenha mergulhado também no estudo das forças que ameaçam a manutenção ecológica da Terra, desde aquelas que nascem na psique humana até as que foram gestadas pelo intelecto humano, como as ciências, as tecnologias e as políticas.

Sem dúvida, esse agitado pensador francês nos influenciou a estudar a Psicanálise. E, quando não mais, nos induziu a tentar um mergulho e um aprendizado árduo na obra freudiana na esperança de nela encontrar indicações que possam vir a esclarecer os mecanismos comportamentais que nos levam a uma recorrente prática de **não-cuidado** com o patrimônio ambiental, tanto no plano individual quanto no coletivo.

Finalmente, a angustiante pergunta que nos colocamos é: por que, a despeito de todas as nítidas e contundentes evidências de um já quase desastre do projeto de humanidade, nós não assumimos coletivamente um comportamento regenerador e prosseguimos, como numa exacerbação tanatológica, a destruir – incansavelmente – a única casa que temos, isto é, quais as forças (negativas) subterrâneas que nos impelem cada vez mais para a beira do abismo das três destruições: a social, a mental e a ecológica?

OBJETIVO

Nosso objetivo é procurar (numa primeira abordagem) compreender, apreender e manejar conceitos e mecanismos fundamentais da “ciência da psique”, de forma a poder entender/(explicar) a relação até aqui tão negativa e destrutiva do ser humano

com seu meio ambiente, o qual lhe é útero, fonte de vida e de prazer, e é o único que ele tem.

ANÁLISE

Antecipamo-nos a responder a uma possível objeção. O foco desse trabalho não se encontra em qualquer aspecto clínico específico daquilo que ocorre na intimidade do consultório do psicanalista e da relação *um analista – o analisando*. Todavia, acha-se, pelo menos pretende, isso sim, no arcabouço conceitual da teoria psicanalítica, no mesmo elenco de conceitos e raciocínios que, se por um lado sustenta a prática clínica provendo-lhe da base teórica necessária, por outro lado há de permitir também que se depreendam do mecanismo psíquico individual explicações e esclarecimentos para comportamentos coletivos e suas implicações. Pode-se (deseja-se) esperar que a psicanálise desempenhe, juntamente com aquilo que já realiza no plano individual de cada analisando ou paciente, um papel de transformação social^{xv}.

Para o diplomata, filósofo e antropólogo Sérgio Paulo Rouanet, a psicanálise pode ser uma mediadora entre o indivíduo e a sociedade^{xvi}. Ela tem elementos comuns com o marxismo – e esta seria uma oportunidade para se compreender o ser humano e sua complexidade individual e social. A psicanálise seria um instrumento para libertar o homem dos seus condicionamentos internos; o marxismo, um instrumento para libertar o homem de seus condicionamentos objetivos, externos e internos (através de um sujeito coletivo).

Já para Ernesto Duvidovich, psicanalista e diretor do Centro de Estudos Psicanalíticos, de São Paulo:

Existem muitas relações entre psicanálise e ação social (...). A captação e a intervenção do fenômeno inconsciente acontecem em qualquer atividade da cultura; assim ocupamo-nos cada vez mais em

gerar instrumentos de intervenção fora do consultório e fora da intervenção terapêutica.^{xvii}

Freud, ao chegar aos EUA comentou: “nem imaginam que lhes trazemos a peste!” Com isso talvez ele estivesse dizendo que a Psicanálise envolvia um interesse de investigação psíquica que implicava em maior interação entre as condutas pessoais e o status social.

A ameaça humana ao planeta

Citamos ainda Guattari, que é com quem desejamos dar as cores e o tom do quadro sobre o qual se tentará pintar, com a ajuda dos ensinamentos de Freud, o esboço de uma alameda tentativa de saída para a crise ambiental em que vivemos:

Aos protagonistas da liberação social cabe a tarefa de reforjar referências teóricas que iluminem uma via de saída possível para a história que atravessamos, a qual é mais aterradora do que nunca. Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana.^{xviii}

É desnecessário, de tão sobejamente conhecido, relatarmos o inventário de todos os presentes problemas ambientais antropicamente produzidos. Tanto a literatura especializada quanto a leiga é vastíssima. Talvez uma ou duas indicações: a de que se consulte com frequência religiosa (transformando o hábito num ritornelo do bem), por ser confiável, pública, atualizada e tão emblemática, a página do IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change – Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas^{xix}) na rede mundial de computadores, e a de que se visite, igualmente, a página do GFN (Global Footpring Network – que traduzimos por Rede Mundial da Pegada Ecológica^{xx}).

Para ser muito sintético: Chernobyl e agora os absurdos vexaminosos dos vazamentos de petróleo no Golfo do México^{xxi} (e as mais absurdas ainda atitudes do governo americano e da empresa responsável) e de lama tóxica na Hungria^{xxii}, atestam a falência de nossa capacidade de uso ético e socialmente justo dos avanços científicos e tecnológicos. E para nocautear as boas teses de que Deus é brasileiro e de que o Papai Noel existe, O Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) divulgou, em 22 de dezembro de 2010, dados de novembro daquele do desmatamento e degradação florestal na Amazônia. O SAD, satélite utilizado pela instituição, registrara aumento de 548% na degradação florestal, com 188 quilômetros quadrados. Em novembro de 2009 a degradação somara 29 quilômetros quadrados^{xxiii}.

Brada Guattari:

Mas a época contemporânea, exacerbando a produção de bens materiais e imateriais em detrimento da consistência de Territórios existenciais individuais e de grupo, engendrou um imenso vazio na subjetividade que tende a se tornar cada vez mais absurda e sem recursos. Não só não constatamos nenhuma relação de causa e efeito entre o crescimento dos recursos técnico-científicos e o desenvolvimento dos progressos sociais e culturais, como parece evidente que assistimos a uma degradação irreversível dos operadores tradicionais de regulação social.^{xxiv}

Consciência ambiental, vale dizer, consciência do meio ambiente, o ser humano, de uma ou outra maneira, para um ou outro fim, sempre teve. É indubitável, contudo, que a partir dos anos 1960 certos segmentos da sociedade despertaram para uma consciência ambiental crítica e aguda. E despertaram para um pesadelo... Saímos de um sono como que narcótico, e que já durava alguns milênios, para a dura realidade de uma natureza antes esplendorosa, redentora e interminável, e, de repente, tornada frágil, doente, contaminada. Havia terminado a

AZEVEDO, Fausto A. de. 80 anos depois: um mal-estar ambiental. *RevInter Revista InterTox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 96-137, fev. 2011

grande fase da bonança e começou o tempo da verdade. Cientes da realidade da finitude de boa parte dos recursos naturais e da fragilidade da maioria dos biomas e ecossistemas, primeiro as pessoas de visão e honestidade e, depois, um bom número de governos, passaram a pensar, formular e executar medidas supostamente corretivas das situações de desvios e perdas.

Constatados os danos, o primeiro momento de atitude de conserto foi o das soluções técnicas de engenharia. A mesma tecnologia que ou por seu estágio ainda bruto ou por seu mau uso vinha propagando os prejuízos, por meio de sua aplicação correta poderia nos redimir das ameaças: e tivemos uma iniciante e infantil gestão ambiental notabilizada pelas ‘promissoras’ soluções de engenharia. Não deu certo, nem poderia, porque esse não era o caso. Tinha que ser isso e mais a obrigatoriedade disso. Então, surgiram os primeiros dispositivos legais, obrigando medições e formas licenciadoras (precárias). Não deu certo. Veio a incorporação de tal preocupação crescente à política. Surgiram os movimentos ambientalistas, surgiu o Partido Verde alemão^{xxv}, começou-se a estruturar um bom discurso ambiental. Apareceu, em seguida, a institucionalização da preocupação e da política em estruturas de governo, chegando-se mesmo aos ministérios ou equivalentes. Não deu certo. A essa altura já se gastavam não rios, mas oceanos de verbas públicas para suportar essas estruturas institucionais oficiais, não obstante os resultados concretos de recuperação/prevenção ambiental por elas suscitados fossem, como ainda o são hoje, pífios. Não deu certo. Vieram os pedagogos e os educadores e criou-se a idéia de uma educação ambiental e da necessidade de re-educar a todos, desde a educação básica, com o tema do meio ambiente operando de forma transversal^{xxvi}. Não deu certo. Veio a filosofia ajudar. Vieram filósofos de sólida formação, de largo trânsito nas matérias do pensar, como o que já tanto invocamos nesse texto, Félix Guatari, e ainda Arne Naess, criadores da Ecosofia e da Ecologia Profunda^{xxvii}. Eles e outros ensinaram e pregaram seu catecismo e... não deu certo. Então chegou ao cortejo uma vetusta senhora de nome ONU, criou órgãos específicos para o assunto, organizou reuniões temáticas e ainda o

faz. Não deu certo. Aproximou-se, por fim, o próprio capitalismo – a raposa veio tomar conta do galinheiro: surgiram *mercados verdes*, *economia verde*, certificações de conformidades e de eficiência ambiental, toda uma hermenêutica da questão. Não se vê que esteja dando certo. Essas muitas tentativas de conserto fundiram-se num grande concerto que, sem embargo, permanece desafinado. Se ao menos fosse dodecafônico, mas o que permanece é mesmo desafinadíssimo... O que resta a fazer?

Temos tido a oportunidade de participar de quase todas essas fases ou etapas ou tentativas (porque tudo coincide com o nosso momento de vida no planetinha...). Envolvemo-nos apaixonadamente no choque de gestão ambiental (nos planos federal, estadual, municipal e nas abordagens tecnológica e gerencial, estrito senso). Desanimamos diante dos resultados e das possibilidades de sua perenização (o eterno ciclo do faz-desfaz de nossa administração pública, que acompanha as mudanças de governo, ainda quando no mesmo grupo político...). Mergulhamos destemidamente na concepção e na aplicação da legislação específica. Desanimamos diante dos resultados acanhados e da rapidez e voracidade com que surgiu a contra-ofensiva dentro e nos moldes do próprio aparato legislativo e advocatício. Abraçamos de forma quase romântica, combativa, a construção de uma nova filosofia, uma ecosofia ao mesmo tempo individual e coletiva, mundial e civilizatória; mas as filosofias, todas elas, se têm produzido tantos e tão bons filósofos, nunca estão onde as massas estão, não se comunicam, não se transmitem, dependem, nesse mister, do processo educacional, e este se encontra cada vez mais remotamente distante. Capitulamos diante das dificuldades quase intransponíveis para se propor às gentes uma filosofia eivada de consciência ambiental e de valores, todos eles, no entanto, na contramão do que a poderosa e santa mãe mídia prega todos os dias, minuto a minuto. Choque de gestão ambiental, choque de educação ambiental, choque de filosofia ecosófica, todos têm seu papel, todos pertencem ao processo de retomada da saúde ambiental, mas todos têm deixado demais a desejar. O que resta a fazer?

Voltando a Guattari, ele teve idêntica percepção a respeito dessa via crucis:

Só que essa reconstrução passa menos por reformas de cúpula, leis, decretos, programas burocráticos do que pela promoção de práticas inovadoras, pela disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito à singularidade e no **trabalho permanente de produção de subjetividade**, que vai adquirindo autonomia e ao mesmo tempo se articulando ao resto da sociedade.^{xxviii} (grifo nosso)

Uma especulação de entendimento e solução

Cabe aqui a liberdade de se introduzir um novo termo: *psicosfera* (supondo que ainda não o tenham feito). Mas comecemos do começo. A vida humana na Terra, ou a maneira como a vemos, pode ser caracterizada como reunindo vários compartimentos que existem simultaneamente e interagem reciprocamente. Essa classificação, de inspiração aristotélica, incluiria:

- As esferas do que é inanimado e pertence ao mundo físico que permite a vida: atmosfera, hidrosfera, litosfera...
- As esferas das diferentes formas de vida ou onde a vida se resolve: biosfera, ecosfera, zoosfera...
- As esferas das criações humanas com repercussões psíquicas, históricas, culturais, etc.: tecnosfera, mecanosfera...
- A esfera da intimidade da mente humana e seus esconderijos, onde tudo se dá e a partir de onde surgem todas as consequências: a *psicosfera*.

Ora, é das interações simultâneas, recíprocas e recorrentes entre o conjunto dessas categorias que resultam todos os fatos da vida bem como, destacando-se a

intervenção humana em especial, os impactos ambientais. Portanto, quando pensamos no momento atual, no quadro delicado de comprometimento dos recursos naturais mundiais, e sabemos que tal quadro só existe porque existe o homem, foi ele quem o produziu, e que o homem só executa o que lhe vem da mente, podemos como que presumir que passou a haver uma relação de subordinação (pelo menos no que diz respeito à qualidade) de todas as outras esferas à da psicosfera. Pronto! Está estabelecido o perigo. Se a mesma mente que é 'saudável' também pode estar doente (tanto no individual quanto no coletivo), então ter todas as outras esferas submetidas aos desígnios da psicosfera exige que passemos a desenvolver e cultivar certas preocupações de profilaxia e gestão de segurança^{xxix}. É preciso buscar entender ao máximo a dinâmica da mente, seus desígnios e mistérios, para conceber as maneiras preventivas e corretivas de danos e perturbações que por ela possam ser acarretadas à dialética mente-ambiente.

Sabe-se que, a sociedade atual, pós-moderna, é caracterizada pela *cultura do narcisismo* (Lash^{xxx}) e como sendo uma *sociedade do espetáculo* (Debord^{xxxi}), uma *sociedade de risco* (Beck^{xxxii}), uma *sociedade excitada* (Turcke^{xxxiii}). E a isso é válido incluir a incisiva observação do grande brasileiro Antonio Carlos Jobim que a ela se referiu como a *civilização da fumaça*. Em tal sociedade o poder, independentemente da inclinação ideológica, instala o espetáculo para se perpetuar em sua situação de privilégio. A realidade é totalmente escamoteada pela manipulação das massas através da mídia e da propaganda, onipresentes e oniscientes, muitas vezes apenas para vender sonhos e mistificações. Dificultando o acesso à realidade, fomentando sistematicamente ilusões, negando a *castração simbólica*, a sociedade do espetáculo dá margem ao que muitos chamam de novas formas de subjetivação, como os novos transtornos de caráter, os transtornos de ordem narcísica, as personalidades *borderlines*, e os transtornos alimentares, as depressões e crises do pânico, que são, por sua vez, novas versões das históricas dos tempos de Freud, as novas doenças da alma^{xxxiv}.

Nossos problemas ecológicos se associam diretamente com a cultura contemporânea antropocêntrica e as subjetividades nela (a partir dela) formatadas e suas repercussões no pós-moderno. A civilização atual tem provocado sérios problemas ao ambiente na Terra e a si mesma. Mas ela faz isso em decorrência do seu modo de ser, pensar, agir. As causas desse seu modo operante de ação podem vir de épocas muito anteriores à história moderna, passando pela profundidade da vida psíquica humana consciente e inconsciente, pessoal e arquetípica. Somos portadores de instintos de violência, vontade de dominação, arquétipos sombrios que nos distanciam da boa vontade para com a vida e a natureza. É na intimidade da mente humana que nascem os processos que terminam por nos conduzir a uma luta de domínio e destruição contra a Terra, calcados que estamos, simultaneamente, no antropocentrismo (que bem já merece ser substituído por uma forma de biocentrismo inteligente) e no egocentrismo (que poderia, quem sabe, repartir diplomaticamente seu lugar com um tipo de *altercentrismo*).

A mencionada cultura contemporânea antropocêntrica, que acabou por hipertrofiar e plasmar o capitalismo como único elemento de doutrina político-econômica em todo o planeta, desaguando-o num supercapitalismo^{xxxv} paradoxalmente intangível e midiático, criou também, no dizer de Guattari, o Capitalismo Mundial Integrado (CMI), viabilizador de um modo seu e único em escala global. Esse CMI (produtor de signos, de sintaxe e de subjetividades), com sua lógica, tem gerado áreas de exclusão e pobreza social, e de destruição ambiental, pelos cinco continentes (inclusive também no seio de países ditos ricos). Adverte Guattari:

A instauração a longo prazo de imensas zonas de miséria, fome e morte parece daqui em diante fazer parte integrante do monstruoso sistema de "estimulação" do Capitalismo Mundial Integrado.^{xxxvi}

O CMI, no que tange aos segmentos supostamente incluídos, tem também criado autômatos, seres robotizados e consumidores padronizados que, ao mesmo tempo que são ‘sócios’, ‘acionistas’ do sistema, são seus fiéis e submissos servidores, transformados psicologicamente que foram, pela onipresente cantilena da mídia, em dóceis e ávidos consumidores. Quanto a isso também nos alerta Guattari:

Assim, a subjetividade capitalística se esforça por gerar o mundo da infância, do amor, da arte, bem como tudo o que é da ordem da angústia, da loucura, da dor, da morte, do sentimento de estar perdido no cosmos... É a partir dos dados existenciais mais pessoais – deveríamos dizer mesmo infra-pessoais – que o CMI constitui seus agregados subjetivos maciços, agarrados à raça, à nação, ao corpo profissional, à competição esportiva, à virilidade dominadora, à star da mídia... Assegurando-se do poder sobre o máximo de ritornos existenciais para controlá-los e neutralizá-los, a subjetividade capitalística se enebria, se anestesia a si mesma, num sentimento coletivo de pseudo-eternidade. xxxvii

Portanto, não se pode deixar de perceber que, intencionalmente ou não (e até que ponto será ingênuo pensar o não), o sistema midiático mundial procura agir técnica e cirurgicamente no profundo de nossa psique, criando ou induzindo medos e desejos que venham a gerar práticas comportamentais desejáveis de opinião e de consumo. Se esse raciocínio for procedente (e por que o não seria?), está então a psicanálise instalada no centro de todas as tensões sociais atuais, mormente aquelas da dialética produção-consumo e seus efeitos colaterais; está instalada na base de nossas motivações comportamentais correntes e, assim, tem “tudo a ver” com o grau de impactos ambientais que causamos para atender nossos imperativos do *princípio do prazer*.

A perversidade desse capitalismo integrado, supercapitalista, pós-moderno, em sua caminhada de transformações territoriais (na geografia e na alma^{xxxviii}), fica hoje muito evidente no cotejamento das discrepâncias entre os hemisférios Norte e Sul. Ele deslocou a apreensão política leste-oeste que existiu após a Segunda Guerra, no tempo em que formava um bipolo com o comunismo do leste europeu e da Ásia, para outra, e talvez mais cruel, forma de tensão: no eixo perpendicular; uma tensão entre a riqueza perdulária e a miséria subserviente.

Tem-se hoje então o resultado de uma linha seqüencial que, começada lá atrás^{xxxix}, pelo aparecimento do Homo chamado *sapiens* e seu arcabouço neurológico-mental, prosseguiu por um largo período, formando seus aprendizados e medos, até uma era bem mais recente com a invenção da filosofia pelos gregos e, depois, com a conquista da razão e do conhecimento científico, com um Iluminismo que se emendou com as revoluções tecnológicas, e, nos séculos próximos de nós, o surgimento do darwinismo, do freudismo e do marxismo que nos mudaram para sempre, para que viéssemos a dar, finalmente, na ameaça não do Capitalismo em si, mas desse *capitalismo* que aqui está conosco agora, e que, se permitimos, nos descaracteriza, nos desterritorializa, nos desnacionaliza, ao mesmo tempo que nos clama à individualidade. Mas uma individualidade de superfície, de periféricos, *customizada*, não da essência. O que é essencial não pode ser mudado, não pode ser personalizado, porque forma o eixo da produção-venda-consumo capitalista e necessita de escala, larga escala.

Todas essas, contudo, são realizações humanas, do gênio humano, da personalidade humana, uma personalidade que só existe constitutivamente porque possui elementos psíquicos que a facultam. É a dinâmica peculiar desses elementos constitutivos que produz todos os resultados objetivos, sejam da história individual sejam da coletiva. Cabe-nos agora, uma vez reconhecido o diagnóstico das ameaças ambientais (sociais e psíquicas) que representamos, propugnar por possibilidades de mudanças e, ao mesmo tempo, dissecar sem parar o aparelho psíquico que, tanto nos permite ser quanto nos impõe reveses.

É nesse sentido que Guattari nos traz a concepção de uma ecologia mental. De fato ele faz mais ainda: ele acena com uma ecosofia, ou seja, não o estudo da casa, mas a sabedoria a respeito *dela e para ela*. Uma ecosofia mental que:

[...] será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os "mistérios" da vida e da morte. Ela será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens etc.^{xl}

E que tem uma raiz profunda:

O princípio específico da ecologia mental reside no fato de que sua abordagem dos Territórios existenciais depende de uma lógica pré-objetual e pré-pessoal evocando o que Freud **descreveu como um "processo primário"**.^{xli} (grifo nosso)

Retomemos agora os pontos antes salientados no texto: voltar a Freud em *O mal-estar na civilização* e à mesma pergunta formulada duas vezes: *o que resta a fazer?*

Mergulhando em Freud

Escrito em 1929, publicado em 1930, *O mal-estar na civilização* enfoca o antagonismo (irremediável) entre as exigências da pulsão^{xlii} no indivíduo e as restrições que contra ela a civilização impõe (relação vista por Freud como um conflito de ordem estrutural, destinado a não ser ultrapassado). A obra pode ser entendida como representando o pensamento social de Freud na grande moldura da modernidade^{xliii}. A respeito, afirma Joel Birman:

Portanto, é preciso explicitar que as interpretações freudianas sobre os impasses do sujeito no mundo da civilização constituem, de fato e

de direito, comentários críticos sobre a inscrição do sujeito na modernidade.^{xliv}

Um sentimento oceânico – a possibilidade de uma força psíquica positiva para a proteção ambiental

Na abertura do primeiro parágrafo de *O mal-estar na civilização* Freud nos chama a atenção para o processo de inversão de valores humanos que então ele diagnosticava e que de lá para cá, em nossa opinião, só fez piorar e se agravar. Escreveu ele:

É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação – isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida.^{xlv}

Do mesmo modo como faziam os grandes compositores de óperas, lembremos, por exemplo, de Verdi, de Wagner, que nas aberturas de suas obras davam o tom e a pista para a o enredo que viria e sua dimensão humana, trágica, satírica ou cômica, Freud, com essas poucas linhas, nos faz ver que algo não caminha bem e prepara nossa alma (sem trocadilhos) para a contundência e a complexidade do que virá – “nem imaginam que lhes trazemos a peste!”.

Realmente, essa inversão de valores, que só tem feito se consolidar, funciona como força motriz (mas tem suas causas próprias) de uma tendência e de um comportamento de apetite irrefreável por poder e ostentação, colocando tudo quanto existe, tanto no plano material quanto social, a seu serviço e disposição.

Em seguida, Freud cita suas conversas com o amigo Romain Rolland que lhe traz a novidade do *sentimento oceânico*, uma forma de religiosidade e de integração com o Universo. De acordo com o amigo, a verdadeira fonte da religiosidade

[...] consiste num sentimento peculiar, que ele mesmo jamais deixou de ter presente em si, que encontra confirmado por muitos outros e que pode imaginar atuante em milhões de pessoas. Trata-se de um sentimento que ele gostaria de designar como uma sensação de ‘eternidade’, um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras – ‘oceânico’, por assim dizer. Esse sentimento, acrescenta, configura um fato puramente subjetivo, e não um artigo de fé; não traz consigo qualquer garantia de imortalidade pessoal, mas constitui a fonte da energia religiosa de que se apoderam as diversas Igrejas e sistemas religiosos, é por eles veiculado para canais específicos e, indubitavelmente, também por eles exaurido.^{xlvi}

O Mal-Estar na Civilização foi escrito após *O Futuro de uma Ilusão*^{xlvi}, obra que trata do papel da religião na vida e na sociedade e que recebeu críticas, principalmente de Rolland, para quem a posição de Freud sobre a religião pareceu bastante dura. Para Rolland, a fonte da religião pode remontar ao sentimento oceânico, não vinculado diretamente à fé religiosa. Para Freud, porém, a fonte da religião é o desamparo infantil e a nostalgia pelo pai. É nesse estado de desamparo profundo, diz Freud, que se gesta a origem da religião e não no sentimento de união com o ‘Todo’. O ser humano tenta o que pode para escapar do desamparo e da angústia da solidão, daí sua necessidade constante de construir e elaborar sistemas religiosos e ideologias salvadoras, como uma “Weltanschauung” (crença). No entanto, Freud chama atenção para este sentimento oceânico como chave para a demarcação do nosso Eu (ego).

Apesar de Freud afirmar “Não consigo descobrir em mim esse sentimento ‘oceânico’”, eis aí um ponto digno de discussão. Tal sentimento, que de fato muitos atestam experimentar, vivenciar, talvez seja precisamente o sentimento de pertencer, de pertencimento, de se perceber parte do todo e entender que não pode ter existência pessoal sem o todo – e que o todo não é o mesmo sem cada um. Talvez, ainda, esse

sentimento seja a base da idealização da fraternidade, da irmandade. Até que ponto é mesmo um sentimento (isto é, algo que nos chegou passando pelo sensório, vindo de fora para dentro), ou até quanto não será uma introjeção de crenças morais, devidamente processadas e valorizadas pela razão para depois serem jogadas lá no fundo da alma, não sabemos distinguir. O fato é que possuir esse sentimento predispõe o indivíduo a uma consciência ambiental (a uma ecologia mental) de melhores qualidade e seriedade. Independentemente do questionamento freudiano a ele, pensamos que se toda a humanidade se sentisse portadora e veículo desse sentimento, transmutando-o numa nova forma de religiosidade, a de uma religião anti-dogmática, não mandatária nem exclusivista quanto à verdade, nosso cenário mundial atual seria bem melhor. Vale ressaltar que esse sentimento, do ponto de vista filosófico, contrasta com a visão antropocêntrica do mundo e, do ponto de vista psico-sociológico, faz a antítese à visão egocêntrica da vida.

Freud parte então para a busca de uma explicação psicanalítica (genética) para o sentimento oceânico. Ele invoca a segurança que temos no sentimento de nosso eu, nosso próprio ego, demarcado distintamente de todo o demais. Percebemos nosso eu por nosso aparelho sensório. Freud admite que o ego possa se estender para dentro do eu, como de fato o faz, e daí vem a ocorrência de um *id*^{xlvi} como descoberto pela psicanálise. Mas a dúvida está em que o ego se estenda também para fora, já que ele parece ser tão zeloso de sua singularidade. Para Freud, o sentimento religioso ancora-se não em uma impressão que transcende o homem e o liga de modo místico ao universo, e que o ajuda a aceitar as vicissitudes da vida, mas seria, em menor escala, uma reprodução daquilo que o ser humano foi na sua origem: um ser ilimitado em suas relações com o mundo, uma vez que quem estabelece este limite, ou sua falta, é o *Eu*, numa fase ainda embrionária e difusa da formação do sujeito. Com essa concepção inovadora do *Eu*, trazida pela psicanálise, e tomando como provocação a questão da religião, Freud faz seu ensaio sobre a civilização, a humanidade e a cultura. Esta visão do *Eu* e sua relação com o mundo (o externo ou o interno), na qual a psicanálise pode operar a superação de obstáculos, já que o *Eu* se constitui

estruturalmente nas suas relações libidinais de objeto, determina importantes repercussões na Filosofia, e foi considerada por Lacan^{xlix} uma revolução de dimensões copernicanas, devido a seu impacto sobre o pensamento humano.

O sentimento oceânico, parece-nos, pode se estabelecer de duas maneiras: ou ele rompe a 'barreira' de nossos sentidos, vindo de fora para dentro, e se instala em nós, em nossas percepções, ou nosso ego é que caminha para fora, em direção a ele, indo de dentro para fora^l.

Mesmo não concordando com o amigo Romain Rolland, Freud, todavia, faz uma ressalva muitíssimo interessante (e esperançosa), quando redige:

Há somente um estado – indiscutivelmente fora do comum, embora não possa ser estigmatizado como patológico – em que ele não se apresenta assim. **No auge do sentimento de amor, a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer.** Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que 'eu' e 'tu' são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato.^{li} (grifo nosso)

A tese do amor leva-nos a pensar na do desprazer formulada também por Freud. Sem entrarmos agora em sua gênese, importa-nos enfocar os métodos que se pode empregar para fugir do desprazer e conquistar a felicidade, os quais são: (i) meio químico para anular o desprazer: a drogadição; (ii) formas de religião ou filosofia, para evitar o desprazer dominando as necessidades: yoga, budismo; (iii) translado das metas da pulsão, evitando o "não" da realidade exterior: a arte; (iv) rompimento com a realidade: o eremita; (v) substituição da realidade por uma 'outra' nova: a psicose; e, finalmente, (vi) cumprimento da felicidade sem afastar-se da realidade e sem evitar o desprazer, deslocando a meta da libido: **o amor**.

Indaguemos como acontece um tipo particular de amor, ou melhor, de enamoramento, o de um homem por uma mulher? Ele a conhece, ela o objeto exterior

que nele desperta sensações únicas de interesse, prazer (e aflições); esse caldo de sensações/sentimentos evolui e, se houver a correspondência, estabelece-se, numa primeira fase, o império do enamoramento^{li}, quando, é verdade, o homem perde (temporariamente) a noção dos contornos de seu eu, o qual vai existir simultaneamente na amada ou até, junto com ela para além dela, numa dimensão outra, diferente da soma dos dois e que só os dois conhecem e a que têm acesso. Além dessa forma para eliminação das fronteiras ego/mundo externo, eliminação temporária (fisiológica) dada na efervescência do amor, uma segunda maneira para a diluição das fronteiras é por meio patológico, como se dá em grande número de estados.

Contudo, o exemplo de ‘amor’ do tipo mulher-homem homem-mulher, no qual há um fortíssimo componente erótico, no sentido sexual, e que produz no estágio de enamoramento essa fusão de egos, com rompimento da barreira entre o eu e o exterior, no caso dos dois (o casal), não é o exemplo melhor para o que estamos aqui querendo advogar, porque se é verdade que os dois enamorados se fundem nesse novo eu comum-de-dois que é o *eu-mais-você*, este, por sua vez, decididamente, se aparta do restante do mundo, vivendo oniricamente de sua auto-suficiência, minimizando todos os possíveis laços de ação/participação sócio-ambiental, pelo menos enquanto dura a fase de intoxicação do enamoramento... Eles não querem ser conspurcados pelo mundo de fora, não têm tempo nem interesse para as questões, problemas, dificuldades do mundo exterior, pois estão a viver o frenesi de suas descobertas, sensações e emoções.

Três parágrafos acima apontamos os métodos que Freud indica como sendo os passíveis e possíveis para fugir do desprazer e conquistar a felicidade. Recordemo-nos do quinto: [...] (v) cumprimento da felicidade sem afastar-se da realidade e sem evitar o desprazer, deslocando a meta da libido: **o amor**. O que advogamos é a possibilidade de que, então, se estabeleça um **amor** com essas características entre seres humanos e a natureza do planeta. A energia libidinal, sob a forma de amor, deslocada para os elementos animados e inanimados, cênicos e figurativos, da natureza, gerando

convivência inteligente, pacífica e cooperativa (*inteligência coletiva* – da mesma qualidade que se vê, por exemplo, num formigueiro), longe dessa atitude expropriadora dos bens ambientais, e cega, que tem, desde o Iluminismo até aqui, prevalecido. Nessa forma de amor as fronteiras do ego de cada qual se estenderiam para a *cadeia de vida* da qual fazemos parte. Assim como não pode haver a saúde e o bem-estar de um órgão isolado dentro de nosso organismo se o corpo estiver doente, não pode haver um bem-estar do ser humano e da humanidade se a cadeia de vida à qual ele pertence está adoecida. Por esse caminho arriscaríamos dizer que valores humanos que andam tão escassos nesses nossos tempos, como os da ética e da moral, podem todos ser colimados nesse único e maior elemento: o amor. Se é no amor que se deve acabar e coroar a trajetória dos esforços humanos, é dele também que se deve partir: a energia amorosa deve ser ponto de partida e de chegada para todos os nossos projetos, o que poderia, se não atuar como um antídoto às causas de nosso mal-estar, talvez, pelo menos, operar como um compensador gerador de outra forma de prazer, mais elevado e menos egoísta.

Sexualidade, instinto (pulsão) de morte e destruição ambiental do planeta – a tentativa de estabelecer um elo

Em *O mal-estar na civilização* o mal-estar que Freud menciona é intrínseco à própria cultura ou estrutura da sociedade e está conosco desde a origem do que conhecemos como cultura. Ele não tem uma causa externa e por isso não se resolve com mais cultura^{liii}. A posição de Freud é clara, não existe nesta sua obra nenhuma nostalgia de alguma nossa época passada na qual as coisas teriam sido melhores.

Na página 116 da citada obra lê-se:

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo.^{liv}

Assim, nota-se que dentro do cadinho fundente da psique humana, se há ou se houver a possibilidade de uma força positiva de destensionamento pela irmanação e de cuidado ambiental pela comunhão com a dimensão cósmica, como o antes reportado *sentimento oceânico*, no outro prato dessa balança há instintos negativos poderosos dispostos a gerar diferentes formas de ataques e destruição. E **Freud acabou por relacionar essas forças destruidoras à questão da sexualidade.**

Nosso autodesafio agora é tentar entender como a sexualidade dispara mecanismos de pressão que geram ações negativas (mas isso Freud já fez), e como tais ações podem estar incidindo destrutivamente sobre a integridade ambiental planetária.

Salvo melhor juízo, a palavra sexualidade comparece dez vezes no texto de *O mal-estar na civilização*.

Freud a caracteriza como fonte (de abastecimento) de energia psíquica para a civilização. Mas, ato contínuo, aponta também mecanismos restritores (“medidas de precaução”) que a civilização interpõe contra ela:

Aqui, como já sabemos, a civilização está obedecendo às leis da necessidade econômica, visto que uma grande quantidade da energia psíquica que ela utiliza para seus próprios fins tem de ser retirada da sexualidade. [...] Quanto ao indivíduo sexualmente maduro, a escolha de um objeto restringe-se ao sexo oposto, estando as satisfações extragenitais, em sua maioria, proibidas como perversão. A exigência, demonstrada nessas proibições, de que haja um tipo único de vida sexual para todos, não leva em consideração as dessemelhanças, inatas ou adquiridas, na constituição sexual dos seres humanos; cerceia, em bom número deles, o gozo sexual, tornando-se assim fonte de grave injustiça. O resultado de tais medidas restritivas poderia ser que, nas pessoas normais – que não se acham impedidas por sua constituição –, a totalidade dos seus interesses sexuais fluísse, sem perdas, para os canais que são deixados abertos. No entanto, o próprio amor genital heterossexual, que permaneceu isento de proscrição, é restringido por outras limitações, apresentadas sob a forma da insistência na legitimidade e na monogamia. **A civilização atual deixa claro que só permite os relacionamentos sexuais na base de um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher, e que não é de seu agrado a sexualidade como fonte de prazer por si própria, só se achando preparada para tolerá-la porque, até o presente, para ela não existe substituto como meio de propagação da raça humana.**^{lv} (grifo nosso)

Após isso, as ocorrências de números oito, nove e dez do termo sexualidade estão no contexto seguinte, em que o ego é vinculado à libido (é seu “quartel-general”):

Todo analista admitirá que, ainda hoje, essa opinião não soa como um erro há muito tempo abandonado. Não obstante, alterações nela se tornaram essenciais, à medida que nossas investigações progrediam

das forças reprimidas para as repressoras, dos instintos objetais para o ego. O decisivo passo à frente consistiu na introdução do conceito de narcisismo, isto é, a descoberta de que **o próprio ego se acha catexizado pela libido, de que o ego, na verdade, constitui o reduto original dela e continua a ser, até certo ponto, seu quartel-general.** Essa libido narcísica se volta para os objetos, tornando-se assim libido objetal, e podendo transformar-se novamente em libido narcísica. O conceito do narcisismo possibilitou a obtenção de uma compreensão analítica das neuroses traumáticas, de várias das afecções fronteiriças às psicoses, bem como destas últimas. Não foi necessário abandonar nossa interpretação das neuroses de transferência como se fossem tentativas feitas pelo ego para se defender contra a sexualidade, mas o conceito de libido ficou ameaçado. **Como os instintos do ego também são libidinais, pareceu, por certo tempo, inevitável que tivéssemos de fazer a libido coincidir com a energia instintiva em geral,** como C. G. Jung já advogara anteriormente. Não obstante, ainda permanecia em mim uma espécie de convicção, para a qual ainda não me considerava capaz de encontrar razões, de que **os instintos não podiam ser todos da mesma espécie.** Meu passo seguinte foi dado em *Mais Além do Princípio do Prazer* (1920g), quando, pela primeira vez, a compulsão para repetir e **o caráter conservador da vida instintiva atraíram minha atenção.** Partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos, concluí que, **ao lado do instinto para preservar a substância viva e para reuni-la em unidades cada vez maiores, deveria haver outro instinto, contrário àquele, buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta a seu estado primevo e inorgânico.** Isso equivalia a dizer que, assim como Eros, existia também um **instinto de morte.** **Os fenômenos da vida podiam ser explicados pela ação concorrente, ou mutuamente oposta, desses dois instintos.** Não era fácil, contudo, demonstrar as

atividades desse suposto instinto de morte. As manifestações de Eros eram visíveis e bastante ruidosas. Poder-se-ia presumir que o instinto de morte operava silenciosamente dentro do organismo, no sentido de sua destruição, mas isso, naturalmente, não constituía uma prova. Uma idéia mais fecunda era a de que uma parte do instinto é desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade. Dessa maneira, o próprio instinto podia ser compelido para o serviço de Eros, no caso de o organismo destruir alguma outra coisa, inanimada ou animada, em vez de destruir o seu próprio eu (self). Inversamente, qualquer restrição dessa agressividade dirigida para fora estaria fadada a aumentar a autodestruição, a qual, em todo e qualquer caso, prossegue. Ao mesmo tempo, pode-se suspeitar, a partir desse exemplo, que os dois tipos de instinto raramente – talvez nunca – aparecem isolados um do outro, mas que estão mutuamente mesclados em proporções variadas e muito diferentes, tornando-se assim irreconhecíveis para nosso julgamento. No sadismo, há muito tempo de nós conhecido como instinto componente da **sexualidade**, teríamos à nossa frente um vínculo desse tipo particularmente forte, isto é, um vínculo entre as tendências para o amor e o instinto destrutivo, ao passo que sua contrapartida, o masoquismo, constituiria uma união entre a destrutividade dirigida para dentro e a **sexualidade**, união que transforma aquilo que, de outro modo, é uma tendência imperceptível, numa outra conspícua e tangível.^{lvi} (grifos nossos)

Portanto, dentre outros aspectos, fica aí estabelecida uma difícil gangorra entre arremessar o instinto de morte, isto é, suas agressividade e destrutividade, para fora da mente e do ser, concentrando-o num objeto animado ou inanimado do mundo exterior e, com isso, aparentemente preservar o ego e o ser, ou se a tensão não

AZEVEDO, Fausto A. de. 80 anos depois: um mal-estar ambiental. RevInter **Revista InterTox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 96-137, fev. 2011

for aliviada por esse mecanismo, jogá-la para dentro do ego provocando sua auto-destruição. Ao que parece, isso tudo acontece simultânea e interminavelmente. **Que outra forma de compensação para a pulsão de morte poderia haver que não a destruição de elementos externos do mundo objetivo real?**

No começo do tópico VI de *Mais além do princípio do prazer* Freud escreve:

A essência de nossa investigação até agora foi o traçado de uma distinção nítida entre os ‘instintos do ego’ e os instintos sexuais, e a visão de que **os primeiros exercem pressão no sentido da morte e os últimos no sentido de um prolongamento da vida**^{lvii}. (grifo nosso)

Na **Figura 1** a seguir tentamos fazer um simples diagrama de algumas dessas idéias de Freud, a oposição permanente entre Tânatos^{lviii} e Eros^{lix}:



Figura 1. Polaridade entre os tipos de instintos

A partir de múltiplas considerações a respeito de uma biologia da vida e da morte, passando por vários estudos de biólogos da época, dentre eles os de Weismann e os raciocínios de Hering, e considerando primeiro os organismos unicelulares e depois formas de vida mais elevadas, e, ainda, não sem antes circular também pelo intrigante filósofo Arthur Schopenhauer, “para quem a morte é o ‘verdadeiro resultado e, até esse ponto, o propósito da vida’, ao passo que o instinto sexual é a corporificação da vontade de viver”^{lx}, Freud aprimora sua concepção de dois conjuntos antagônicos de forças atuando dentro de nós: os instintos (pulsões) da vida (ou instintos sexuais) e os instintos (pulsões) da morte (ou do ego), e chega a arriscar que os primeiros podem ter existido desde épocas primevas, já nos organismos unicelulares de então.

Prosseguindo, Freud faz, em seu próprio entender, uma extrapolação mais ‘ousada’:

Por conseguinte, podemos tentar aplicar a teoria da libido a que se chegou na psicanálise à relação mútua das células. Podemos supor que os instintos de vida ou **instintos sexuais ativos em cada célula tomam as outras células como seu objeto**, que parcialmente neutralizam os instintos de morte (isto é, os processos estabelecidos por estes) nessas células, preservando assim sua vida, ao passo que as outras células fazem o mesmo para elas e outras ainda se sacrificam no desempenho dessa função libidinal.^{lxi} (grifo nosso)

E mais:

As próprias células germinais se comportariam de maneira completamente ‘narcisista’, para empregar a expressão que estamos acostumados a utilizar na teoria das neuroses para descrever um indivíduo total que retém sua libido em seu ego e nada desembolsa dela em catexias de objeto. As células germinais exigem sua libido, a atividade de seus instintos de vida, para si mesmas, como uma reserva para sua posterior e momentosa atividade construtiva.^{lxii}

Por fim, Freud especula que há uma coincidência entre a libido de nossos instintos sexuais e o Eros dos poetas e dos filósofos, o qual mantém unidas todas as coisas vivas.

Outro aspecto do grande quebra-cabeça que habilmente Freud foi elucidando, e que aqui nos interessa, é o que concerne ao que ele denominou de *princípio de prazer* e que considerou como propósito de nossas vidas, quando a respeito deste, pensando nos seres humanos, raciocina:

A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer.^{lxiii}

Todavia, ele reconhecerá que tal propósito nunca será atingido de modo inteiramente satisfeito, porque tanto o macrocosmo (sociedade, civilização) quanto o microcosmo (princípio de realidade) do homem atuam de forma oposta a este princípio do prazer.

Numa determinada altura de *Mais além do princípio do prazer* Freud afirma:

A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (o ‘princípio do Nirvana’, para tomar de empréstimo uma expressão de Barbara Low [1920, 73]), tendência que encontra expressão no princípio de prazer, e o reconhecimento desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte.^{lxiv}

Figura 2: procuramos esquematizar essas idéias.



Assim, tudo faz crer que parece não haver dúvidas quanto ao surgimento e ao desenvolvimento na mente humana de um instinto de morte. Abordamos, brevemente, sua gênese e algumas de suas características, de acordo com o que nos foi revelado por Freud. Entretanto, **o que nos interessa investigar é se e como nossos instintos do ego, buscando um retorno a estágios muito anteriores em sua origem, quando seus níveis de energia e, portanto, de tensão, seriam muito menores, seguindo seu conservadorismo, projetam para fora de nós, para os seres animados e inanimados do exterior, sua agressividade e, com isso, produzem uma destruição niilista da natureza e da vida.**

Finalmente, ao começar o tópico V de *O mal-estar na civilização*, Freud postula:

O trabalho psicanalítico nos mostrou que as frustrações da vida sexual são precisamente aquelas que as pessoas conhecidas como neuróticas não podem tolerar. O neurótico cria em seus sintomas satisfações substitutivas para si, e estas ou lhe causam sofrimento em si próprias, ou **se lhe tornam fontes de sofrimento pela criação de dificuldades em seus relacionamentos com o meio ambiente**^{lxv} e a sociedade a que pertence. Esse último fato é fácil de compreender; o primeiro nos apresenta um novo problema^{lxvi}. A civilização, porém, exige outros sacrifícios, além do da satisfação sexual.

Abordamos a dificuldade do desenvolvimento cultural como sendo uma dificuldade geral de desenvolvimento, fazendo sua origem remontar à inércia da libido, à falta de inclinação desta para abandonar uma posição antiga por outra nova. Dizemos quase a mesma coisa quando fazemos a antítese entre civilização e **sexualidade** derivar da circunstância de o amor sexual constituir um relacionamento entre dois indivíduos, no qual um terceiro só pode ser supérfluo ou perturbador, ao passo que a civilização depende de relacionamentos entre um considerável número de indivíduos. **Quando**

um relacionamento amoroso se encontra em seu auge, não resta lugar para qualquer outro interesse pelo ambiente; um casal de amantes se basta a si mesmo; sequer necessitam do filho que têm em comum para torná-los felizes. Em nenhum outro caso Eros revela tão claramente o âmago do seu ser, o seu intuito de, de mais de um, fazer um único; contudo, quando alcança isso da maneira proverbial, ou seja, através do amor de dois seres humanos, **recusa-se a ir além.**

Até aqui, podemos imaginar perfeitamente uma comunidade cultural que consista em indivíduos duplos como este, que, libidinalmente satisfeitos em si mesmos, se vinculem uns aos outros através dos elos do trabalho comum e dos interesses comuns. Se assim fosse, a civilização não teria que extrair energia alguma da **sexualidade**. Contudo, esse desejável estado de coisas não existe, **nem nunca existiu.** A realidade nos mostra que a civilização não se contenta com as ligações que até agora lhe concedemos. Visa a unir entre si os membros da comunidade também de maneira libidinal e, para tanto, emprega todos os meios. Favorece todos os caminhos pelos quais identificações fortes possam ser estabelecidas entre os membros da comunidade e, na mais ampla escala, **convoca a libido inibida em sua finalidade, de modo a fortalecer o vínculo comunal através das relações de amizade. Para que esses objetivos sejam realizados, faz-se inevitável uma restrição à vida sexual.** Não conseguimos, porém, entender qual necessidade força a civilização a tomar esse caminho, necessidade que provoca o seu antagonismo à **sexualidade. Deve haver algum fator de perturbação que ainda não descobrimos.**^{lxvii} (grifos nossos)

A cultura não é a culpada pelos males da civilização. Ela, argumentava Freud, protege o homem da natureza e regula suas relações sociais. O homem primitivo descobriu que para sobreviver precisava viver em comunidade. Para compreender o

mal-estar na civilização, é preciso saber o limite que ela impõe à sexualidade humana e como ela exige outros sacrifícios, como conter a agressividade humana. O instinto de morte talvez seja um grande obstáculo à civilização e uma das causas do *mal-estar*. A cultura suscita um sentimento de culpa que pode alcançar patamar dificilmente suportável para o indivíduo. São duas as suas origens: medo à autoridade e temor ao superego. A união de ambos é muito efetiva para o desenvolvimento da civilização. O preço do progresso é a perda de felicidade por aumento do sentimento de culpa. A evolução da sociedade requer o controle dos instintos sexuais e agressivos do indivíduo, de maneira que existe uma estreita sincronia entre civilização, repressão e neurose. Quanto mais avança a primeira, mais necessária se faz a segunda e maior é a frustração gerada. Sob a coação do processo civilizatório, a agressividade se converte em sentimento de culpa, que não é notado como tal, mas permanece inconsciente ou se expressa como um *mal-estar*.

Freud afirma:

Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à **sexualidade** do homem, mas também à sua agressividade, **podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização**. Na realidade, o homem primitivo se achava em situação melhor, sem conhecer restrições de instinto. Em contrapartida, suas perspectivas de desfrutar dessa felicidade, por qualquer período de tempo, eram muito tênues. **O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança**. Não devemos esquecer, contudo, que na família primeva apenas o chefe desfrutava da liberdade instintiva; o resto vivia em opressão servil. Naquele período primitivo da civilização, o contraste entre uma minoria que gozava das vantagens da civilização e uma maioria privada dessas vantagens era, portanto, levado a seus extremos. Quanto aos povos primitivos que ainda hoje existem,

pesquisas cuidadosas mostraram que sua vida instintiva não é, de maneira alguma, passível de ser invejada por causa de sua liberdade. Está sujeita a restrições de outra espécie, talvez mais severas do que aquelas que dizem respeito ao homem moderno.^{lxviii} (grifos nossos)

À GUIA DE CONCLUSÃO

Portanto, o controle dessas suas agressividade e destrutividade, ligadas à pulsão de morte (a qual é antípoda da pulsão sexual), tem sido sempre a grande tarefa da civilização. Para tanto, ela tem usado ferramentas como religião, ética, arte, códigos legais... Freud as reconhece como uma característica constitutiva e importante da natureza humana e diz que, apesar de séculos de repressão “estes empenhos da civilização até hoje não conseguiram muito”. Seguindo sua lógica, ele critica o socialismo então implantado pela União Soviética, sobretudo por haver colocado na propriedade privada a causa dos males sociais. Para os socialistas daquele período a humanidade atingiria um grau novo e superior de felicidade se a propriedade privada fosse extirpada. Freud entendeu que as premissas psicológicas do sistema comunista eram uma ilusão insustentável.

Entendeu, também, que o amor atuante em algumas comunidades só é possível desde que elas encontrem algum grupo externo sobre o qual descarregar sua agressividade. A civilização, enfim, se solidifica à medida que fortalece a capacidade de restringir duas pulsões estruturais da vida humana: sexualidade e agressividade. São elas que atizam o ser humano na incessante procura da consumação do princípio do prazer, o que, como antes se comentou, não acontecerá, uma vez que a vida em sociedade só se dá por conta das restrições reguladoras sobre estes impulsos. Tais restrições são um enorme sacrifício imposto ao ser humano, uma vez que colidem contra o princípio que o move e o impulsiona para a vida, o princípio do prazer. Dessa tensão permanente e insolúvel brota o sentimento de mal-estar.

E se isso é fato, um mal-estar ainda maior (o mal-estar psico-ambiental) irrompe naqueles mais preocupados, críticos e sensíveis quanto à causa ambiental, posto que, seguindo o raciocínio psicanalítico, ficaria a incômoda impressão de que essa compensação de parte da pulsão de morte pela destruição externa de patrimônio ambiental (pensamos aqui em termos coletivos) não só seria historicamente inexorável e fatídica, por se ligar a uma situação constitutiva estrutural da mente humana, mas até desejável, porque funcionaria como salvaguarda de nossa preservação. Mas que preservação?!

Talvez o próprio mecanismo da sublimação revisitado possa fornecer algum grau de oportunidade para compatibilização da força dos desejos internos, de ordem da sexualidade, com os quereres morais decorrentes da ordem da razão. O antes citado Birman, diz em seu texto:

Em contrapartida, esse campo de novos conceitos que podem balizar a problemática do desamparo foi a condição de possibilidade para a emergência de um outro conceito de sublimação, que se contrapõe radicalmente ao primeiro. Assim, para superar as contradições e os impasses colocados pelo conceito inicial de sublimação, o discurso freudiano enunciou, em 1932, que existiria a constituição de um outro objeto para a pulsão, isto é, Freud não se manteria inalterado como na versão primeira do conceito. **Isso significa que, na nova versão, não existiria mais oposição entre sexualidade e sublimação.** Encontra-se justamente aqui a grande novidade. Vale dizer, existiria uma outra economia do erotismo na sublimação. **Com isso, portanto, o processo de sublimação consistiria na transformação da pulsão de morte em pulsão sexual, de maneira tal que o erotismo e o trabalho de criação se tornariam possíveis.** Pode-se dizer que os destinos do erotismo e da sublimação foram articulados de maneira cerrada no último discurso freudiano. Além disso, dominar o desamparo e não curá-lo quer dizer agora que é necessário para o sujeito constituir destinos tanto

eróticos quanto sublimatórios para a pulsão. A tessitura desses destinos, em ambos os sentidos referidos, constituiu para o sujeito aquilo que denominamos há pouco de **gestão do desamparo**.

A gestão do desamparo toma uma direção bem precisa para o sujeito, diferente da versão freudiana inicial sobre a sublimação. Nessa versão, a sublimação era uma experiência de espiritualização, de ascese, pela qual a subjetividade seria purificada de seu erotismo perturbador. A sublimação aqui seria uma experiência de verticalização, desprendendo-se o sujeito de sua corporeidade animal e alçando-se aos pináculos da razão civilizatória. Contudo, em sua segunda versão, a sublimação não é um ato de espiritualização, mas de **lateralização**, não se desprendendo o sujeito do seu registro corpóreo. **Pelo contrário, a sublimação implica na horizontalização das ligações do sujeito com os outros, pela tessitura de laços sociais e pela produção de obras no campo desses laços.** Pode-se depreender disso tudo não só porque nessa última versão freudiana não existe oposição entre erotismo e sublimação, mas também porque a gestão do desamparo implica e se desdobra nos registros ético e político.^{lxix} (grifos nossos)

Se, como escrito acima, “[...] a sublimação implica na horizontalização das ligações do sujeito com os outros, pela tessitura de laços sociais e pela produção de obras no campo desses laços.”, que possamos então investir todo nosso esforço criativo nessa horizontalização. Que possamos realizar eficiente e eficazmente a gestão de nosso desamparo interior e que a energia da frustração dos desejos mais viscerais, compreendida, enfrentada e sublimada, enfim psicanalizada, se deposite competentemente nessa horizontalização.

Portanto, o desafio dos desafios é encontrar a fórmula de intuir e racionalizar o meio para fazer Eros ir além. Como vimos antes, num dos trechos de Freud citados: “Em nenhum outro caso Eros revela tão claramente o âmago do seu ser, o seu intuito de, de mais de um, fazer um único; contudo, quando alcança isso da maneira

proverbial, ou seja, através do amor de dois seres humanos, recusa-se a ir além.” Ir além não necessariamente pela *irrestricção* da sexualidade, mas pela construção do amor superlativo, amor antes de mais nada à vida que há dentro e fora de cada um, e que possa, ele próprio, pelo processo de sua contínua apreensão e aprimoramento, estabelecer compensações criativas às pulsões de morte.

NOTAS

ⁱ Como Félix Guattari.

ⁱⁱ Como, dentre outros, Arne Naess; Gilles Deleuze; e Claude Levi Strauss, o qual, antes de falecer comentou: “ou mudamos de valores civilizatórios ou a Terra poderá continuar sem nós”.

ⁱⁱⁱ Como, dentre outros, Robert Reich, Peter Victor (http://www.pvictor.com/Site/Brief_Bio.html). Convém ainda citar o economista brasileiro André Lara Resende, que em artigo recente (28/01/2011) para o jornal Valor (<http://www.valoronline.com.br/impreso/cultura/111/375253/desigualdade-e-bem-estar>), 399 intitulado *Desigualdade e bem-estar*, em que diz: “Diante da evidência de que o estrago da atividade econômica sobre o planeta se aproxima do limite do tolerável, a identificação do crescimento econômico com o aumento do bem-estar tornou-se obrigatoriamente questionável.” (...) “Se estivermos necessariamente obrigados a crescer e a enriquecer, para continuar a melhorar a qualidade de vida, estaremos diante de um impasse, pois é evidente que não será mais possível crescer, enriquecer e, sobretudo consumir, nos padrões de hoje, por mais muito tempo, sem esbarrar nos limites físicos do meio ambiente.”

^{iv} Como Raquel Carson.

^v Como, dentre outros, Mikhail Gorbachev e Jacques Chirac, que no dia 2 de fevereiro de 2007, em Paris, após conhecer os dados do aquecimento global revelados pelo Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas (IPCC) disse: “Como nunca antes, temos que tomar a palavra revolução ao pé da letra. Se não o fizermos o futuro da Terra e da Humanidade é posto em risco”.

^{vi} Como, dentre outros, Bento XVI e o Dalai Lama, que disse: “Caminhamos para um desastre psicológico, social e ecológico. Dominados pela tecnologia e o consumismo, vamos perdendo o verdadeiro significado da vida, que é a paz e a felicidade. O amor e a compaixão por todos os seres são a nossa única salvação.” Quanto à posição vigente da Igreja, ver *O meio ambiente e a visão católica*, por F. Azevedo:

http://www.pratigi.org/porta1/index.php?option=com_content&view=article&id=1221%3Ao-meio-ambiente-e-a-visao-catolica&catid=146%3Aem-cima-da-noticia&Itemid=524&lang=br. Acessado em 13/10/2010.

^{vii} Como, dentre outros, Lester Brown, o fundador do WWI - [Worldwatch Institute](http://www.worldwatch.org). Para conhecer de perto seu pensamento e opiniões vale assistir sua entrevista no programa Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo: <http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/1180>.

^{viii} Freud, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro, Imago Editora, Obras Completas, vol. XXI, 1996. 3p. 73-148.

^{ix} Guattari, F. *As três ecologias*. 11ª ed. 2001. [Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução: Suely Rolnik. Revisão: Josiane Pio Romera, Regina Maria Seco e Vera Luciana Morandim. Título original em

francês: *Les trois écologies*. © Éditions Galilée, 1989.] 1ª Edição eletrônica. Revisada por TupyKurumin www.tupykurumin.wd2.net . p. 7.

^x Idem, p. 7.

^{xi} Idem, p. 8.

^{xii} Idem, p. 8.

^{xiii} Idem, p. 11.

^{xiv} Dentre tantas notícias desalentadoras a respeito, uma ganhou a imprensa mundial no momento em que escrevíamos esse texto: pesquisa intitulada Índice Global da Fome 2010, do Instituto Internacional de Investigação sobre Políticas Alimentares (IFPRI, em inglês), divulgada no dia 11 de outubro de 2010, indicou que ao menos um bilhão de pessoas (ou um sétimo da população mundial) sofrem de desnutrição no planeta. Na América Latina, a situação é considerada "séria" na Bolívia, Guatemala e no Haiti. A fome se revela principalmente por meio da desnutrição infantil - quase a metade dos afetados são crianças. Os níveis mais altos se encontram na África Subsaariana e no sul da Ásia. Lamentavelmente, o estudo revela que, após cair entre 1990 e 2006, o número de desnutridos voltou a crescer. Disponível em

<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,mais-de-1-bilhao-de-pessoas-passam-fome-no-mundo-diz-estudo.623606.0.htm> . Acessado em 12/10/2010.

^{xv} Vejam-se os textos: *As novas doenças da alma / O mal-estar na civilização hoje*, de Cláudia Pretti Veasconcellos Pellegrini, e *O mal-estar na civilização hoje: crepúsculo de uma civilização?*, de Renata Conde Vescovi, em *As novas doenças da alma*, obra organizada pela Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória e editada por José Nazar (Rio de Janeiro: Cia. De Freud; Vitória: ELPV, 2009.) p. 85-92 e 101-109, respectivamente.

^{xvi} *Cultura brasileira em evidência*. Entrevista concedida por Sérgio Paulo Rouanet para o Jornal da PUC-Campinas, Ano III, nº. 45, 9 a 22/abril/2007. Disponível em http://www.puc-campinas.edu.br/rep/imprensa/jornaldapuc/pucc_ed45.pdf. Acessado em 12/10/2010.

^{xvii} Conforme entrevista de Ernesto Duvidovich concedida a **Sérgio Máscoli** no blog *Falo*, n. 2, 12/02/2009, no endereço http://falo-na-internet.blogspot.com/2009/02/falo-n2-ernesto-duvidovich-fala_12.html. Acessado em 30/10/2010.

^{xviii} Guattari, F. *As três ecologias*. 11ª ed. 2001. [Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução: Suely Rolnik. Revisão: Josiane Pio Romera, Regina Maria Seco e Vera Luciana Morandim. Título original em francês: *Les trois écologies*. © Éditions Galilée, 1989.] 1ª Edição eletrônica. Revisada por TupyKurumin www.tupykurumin.wd2.net . p. 26-27.

^{xix} <http://www.ipcc.ch/>.

^{xx} Em sua oitava edição o *Relatório Planeta Vivo* (2010) [publicado a cada dois anos pelo *World Wide Fund For Nature* (WWF), com a *Zoological Society of London* (ZSL) e a *Global Footprint Network* (GFN)] traz informações que assustam, como: (i) em 2007 a sobrecarga imposta pelas atividades humanas foi 50% maior que a capacidade regenerativa do planeta; (ii) até 2030 a humanidade precisaria da biocapacidade de dois planetas Terra para poder absorver as emissões de gases de efeito estufa (GEE) e manter o consumo de recursos naturais; (iii) a biodiversidade global sofreu uma queda de 30% em menos de quarenta anos, conforme atesta o mais antigo indicador do WWF, o IPV: Índice Planeta Vivo; (iv) chegam a 71 os países com déficit em recursos hídricos suficiente para comprometer a saúde de seus ecossistemas, segundo aponta seu mais novo indicador, o PHP:

Pegada Hidrológica da Produção; (v) foi de 35% o salto das emissões de GEE desde o primeiro relatório, em 1998. O relatório apresenta projeções com base em diferentes variáveis relacionadas ao consumo de recursos naturais, uso da terra e produtividade, graças a uma nova "Calculadora de Cenário de Pegadas". Ver em <http://www.footprintnetwork.org/en/index.php/GFN/>. Acessado em 31/10/2010.

^{xxi} A respeito, sugerimos que se consulte a matéria *Toxicologia, Ecotoxicologia e Petróleo*, publicada em http://intertox.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=337%3Atoxicologia-ecotoxicologia-e-petroleo&catid=95%3Atoxicologia-em-manchete&lang=br. Acessado em 02/11/2010.

^{xxii} A respeito, consultar *Toxicologia: Acidente com Resíduo Tóxico na Hungria*, em http://intertox.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=359%3Atoxicologiamanchete&catid=95%3Atoxicologia-em-manchete&lang=br. Acessado em 02/11/2010.

^{xxiii} Para ver notícia na íntegra consultar <http://www.amazonia.org.br/noticias/noticia.cfm?id=374370>, acessada em 07/02/2011.

^{xxiv} Guattari, F. *As três ecologias*. 11ª ed. 2001. [Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução: Suely Rolnik. Revisão: Josiane Pio Romera, Regina Maria Seco e Vera Luciana Morandim. Título original em francês: *Les trois écologies*. © Éditions Galilée, 1989.] 1ª Edição eletrônica. Revisada por TupyKurumin www.tupykurumin.wd2.net . p. 30.

^{xxv} Ver a matéria do início do ano: *Partido Verde alemão completa 30 anos*, em <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,5124180.00.html>. Acessado em 02/11/2010.

^{xxvi} Talvez a questão aqui seja a de se questionar mesmo o que é *educar*. Educar tem-nos parecido, historicamente, um processo muito mais destinado a *docilizar* o ser humano, asfixiando nele tudo quanto lhe é natural no sentido do biológico, no sentido de não reconhecer-aceitar seus instintos de 'bicho' humano. Como mostrou Freud, ao adulto da sociedade compete 'educar' (disciplinar) a sexualidade das crianças. Não se está aqui defendendo a selvageria, mas a técnica educacional que se aplica às crianças é, sem dúvida, a de formar cidadãos convenientes para a vida em sociedade. Portanto, o que está no âmago dessa educação, conscientemente ou não, é uma progressiva *desbiologização* do humano, afastando-nos da natureza. Fica de alguma maneira implícito que o que é natural (biológico) não é bom e precisa ser transformado por um processo educacional. Ora, isso forma adultos apartados da natureza e que vêem nela apenas instintos e entidades que precisam ser controlados ou afastados e, por isso, são de pouco valor.

^{xxvii} Em trabalho anterior pudemos discutir mais a respeito das idéias de Arne Naess (Azevedo & Valença. Do Anarquismo ao Ambientalismo – de Thoreau a Naess. *Tecbahia, Revista Baiana de Tecnologia*. Camaçari, v. 21, n. 2-3, maio/dez. 2006. p. 151-181). Interessante é o fato de que as teses da Ecologia Profunda (*Deep Ecology*), quando não por mais, tiveram o mérito de suscitar uma importante polêmica com os adeptos da Ecologia Social, a qual constituiria um dos eixos das três abordagens de Guattari. Para os ecologistas sociais os ecologistas profundos são alienados e extremamente biocêntricos, por vezes místicos. Já os *profundos* taxam os outros de exageradamente antropocêntricos e materialistas. Murray Bookchin relacionou os conceitos da ecologia com os da anarquia. Ele é, com frequência, referido como o fundador da "Ecologia Social" e manteve debates conceituais com os filiados à Ecologia Profunda. Bookchin considera que, para se observar os problemas ecológicos, deve-se, antes, conhecer os sociais. Do outro lado, Fritjof Capra tem sido um aliado popular da Ecologia Profunda. Seja como for, nossa preocupação (a que nos motivou à reflexão desse trabalho) é, justamente, que, por meio do entendimento o

melhor possível do conteúdo humano psíquico e suas potencialidades e desarticulações, nos seja possível ousadamente responder à insistente pergunta do *por quê* de tão intenso desinteresse ambiental (vis a vis a vida ostensiva do consumo e da posse material), para que, quem sabe, a partir do delineamento da(s) resposta(s) não se tenha que constatar a necessidade de adentrarmos mundialmente por um eco-fascismo, como, por exemplo, o já delineado em recente fala do conhecido cientista inglês James Lovelock. Ele sugeriu atitudes drásticas e autoritárias para combater o quadro das mudanças climáticas, justificando que a falha da democracia na adoção de políticas efetivas para fazer face ao problema: “eu tenho a sensação de que as mudanças climáticas são um evento tão grave quanto uma guerra; talvez seja necessário suspender a democracia por algum tempo”. Ou, fato mais perturbador, a tradução recente (2009) para o inglês do livro *Can Life Prevail?: A Radical Approach to the Environmental Crisis*, do pescador e filósofo finlandês Kaarlo Penti Linkolla, radical e polêmico adepto da Ecologia Profunda. Linkolla indica o estabelecimento de um sistema autoritário para enfrentar o consumo de forma implacável: “uma catástrofe está acontecendo e a solução é a disciplina, a proibição (do consumo), a imposição de regras severas e a opressão”. E avança: “a única chama de esperança é o governo centralizado e o controle estrito dos cidadãos”. Ele traz uma proposta política que inclui: “um ponto final na liberdade para ter filhos, abolição total dos combustíveis fósseis, revogação de todos os acordos de livre comércio, proibição do tráfego aéreo, demolição dos subúrbios das cidades e reflorestamento das áreas de estacionamento de veículos”.

^{xviii} Guattari, F. *As três ecologias*. 11ª ed. 2001. [Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução: Suely Rolnik. Revisão: Josiane Pio Romera, Regina Maria Seco e Vera Luciana Morandim. Título original em francês: *Les trois écologies*. © Éditions Galilée, 1989.] 1ª Edição eletrônica. Revisada por TupyKurumin www.tupykurumin.wd2.net . p. 44.

^{xxix} Esse raciocínio remete ao interessante filme *The President's Analyst* (traduzido no Brasil por *A louca missão do dr. Schaeffer*), EUA/ 1967 (Paramount; Direção e roteiro: Theodore J. Flicker; Produção: Stanley Rubin; Fotografia: William A. Fraker; Efeitos especiais: Westheimer Co.; Música: Lalo Schifrin; 104 min., cor). Com James Coburn, Godfrey Cambridge, Severn Darden, Joan Delaney, Pat Harrington, Barry McGuire, Will Geer, Arte Johnson. Coburn interpreta o psicanalista do presidente dos EUA. Como muitas pessoas querem saber o que se passa na cabeça do chefe da nação, o psicanalista tem seu telefone grampeado e é perseguido por agentes americanos, soviéticos e chineses. Ao final, descobre que quem realmente dirige o país é a Companhia Telefônica, que se utiliza de robôs e pretende dominar o mundo implantando telefones em miniatura no cérebro de cada ser humano.

^{xxx} Lasch, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

^{xxxi} Guy Ernest Debord (Paris, 28 de dezembro de 1931 — 30 de novembro de 1994) escritor e um dos pensadores da Internacional Situacionista e da Internacional Letrista e seus textos foram a base das manifestações do Maio de 68. *A Sociedade do Espetáculo* (*La société du spectacle*, Paris, Gallimard, 1967), talvez seja seu trabalho mais conhecido. É uma crítica teórica sobre consumo, sociedade e capitalismo. Em termos gerais, as teorias de Debord atribuem a debilidade espiritual, tanto das esferas públicas quanto da privada, a forças econômicas que dominaram a Europa após a modernização decorrente do final da segunda grande guerra. No Brasil, o livro foi lançado pela editora Contraponto, com 240 p., em 1997. Uma versão eletrônica de 2003 pode ser obtida em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>.

^{xxxii} Ulrich Beck tornou-se um destacado teórico social após o lançamento de *Risk Society* (em alemão em 1986; em seguida em inglês: Beck, U. *Risk society. Towards a new modernity*. Londres, Sage Publications, 1992). Segundo ele, a sociedade industrial, caracterizada pela produção e distribuição de bens, foi deslocada pela sociedade de risco, na qual a distribuição dos riscos não corresponde às diferenças sociais, econômicas e geográficas da típica primeira modernidade. A ciência e a técnica não mais dariam conta da predição e controle dos riscos que contribuíram para criar e que geram conseqüências de alta gravidade para a saúde humana e para o meio ambiente, desconhecidas a longo prazo e que, quando descobertas, tendem a ser irreversíveis. Entre esses riscos, o autor inclui os ecológicos, químicos, nucleares e genéticos, produzidos industrialmente, externalizados economicamente, individualizados juridicamente, legitimados cientificamente e minimizados politicamente. Posteriormente, incorporou também os riscos econômicos, como as quedas nos mercados financeiros internacionais. Este conjunto de riscos geraria “uma nova forma de capitalismo, uma nova forma de economia, uma nova forma de ordem global, uma nova forma de sociedade e uma nova forma de vida pessoal”. O conceito de sociedade associa-se ao de globalização: os riscos são democráticos, afetando nações e classes sociais sem respeitar fronteiras de nenhum tipo. Os processos surgem a partir dessas transformações são ambíguos, coexistindo maior pobreza em massa, crescimento de nacionalismo, fundamentalismos religiosos, crises econômicas, possíveis guerras e catástrofes ecológicas e tecnológicas, e espaços no planeta onde há maior riqueza, tecnificação rápida e alta segurança no emprego. A proposta de construir um novo conceito dentro da teoria sócia e uma teoria da sociedade global de risco é apresentada por Beck em seus últimos livros: *The reinvention of politics – Rethinking modernity in the global social order* (1997); *Qué es la globalización? Falacias del globalismo, respuestas a la globalización* (1998); *World risk society* (1999); *The brave new world of work* (2000) e *The risk society and beyond. Critical issues for social theory* (2000, com Adam, B. e Van Loon, J., eds).

^{xxxiii} Christoph TÜRCKE é um filósofo alemão, nascido em Hameln, Alemanha, em 4 de outubro de 1948. É professor da Universidade de Leipzig e, filosoficamente, posiciona-se próximo à Escola de Frankfurt. Esteve no Brasil, na altura de 1991-3, como professor visitante de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. É o criador da noção de “filosofia da sensação”. Em seu livro *Sociedade Excitada* (lançado no Brasil em 2010, pela editora da Unicamp), o tema é dissecado. Sensação era antes apenas “percepção”. Hoje, à sensação se associa tudo o que atrai magneticamente a percepção, ou seja, o espetacular. O que não chama a atenção quase não é percebido. *Esse est percipi* — Ser é ser percebido, como disse muito tempo antes o filósofo George Berkeley. TÜRCKE analisa a transformação da sensação em uma forma de intuição do ser humano moderno, num padrão de comportamento, num foco de uma sociedade inteira. Ele reconstrói a história do significado do conceito de sensação e com ela a transformação do mundo moderno numa **sociedade excitada**, na qual choques audiovisuais são aplicados como injeções e a sensação avança para ser a medida da percepção e da ação. A filosofia da sensação de TÜRCKE é uma contribuição central para a teoria da sociedade de hoje.

^{xxxiv} Veja-se *As novas doenças da alma*, obra organizada pela Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória e editada por José Nazar (Rio de Janeiro: Cia. De Freud; Vitória: ELPV, 2009.) p. 85-92.

^{xxxv} A respeito, ver a obra de Robert Reich, *Supercapitalismo: como o Capitalismo tem transformado os Negócios, a Democracia e o Cotidiano*. Rio de Janeiro, Editora Campus/Elsevier, 2008. 304 p.

^{xxxvi} Guattari, F. *As três ecologias*. 11^a ed. 2001. [Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução: Suely Rolnik. Revisão: Josiane Pio Romera, Regina Maria Seco e Vera Luciana Morandim. Título original em francês: *Les trois écologies*. © Éditions Galilée, 1989.] 1^a Edição eletrônica. Revisada por TupyKurumin www.tupykurumin.wd2.net . p. 12.

^{xxxvii} Idem, p. 34.

^{xxxviii} Convém, a respeito, uma visita à extensa obra de Milton Santos, com paradas em textos como: *Espaço e sociedade* (Petrópolis: Vozes, 1979); *O espaço dividido* (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979 - Coleção Ciências Sociais); *A Natureza do Espaço* (São Paulo: Edusp, 2002).

^{xxxix} Em janeiro de 2010 foi divulgada uma importante notícia: cientistas encontraram, na Etiópia, o mais antigo ancestral do homem. O *Ardipithecus ramidus*, chamado de "Ardi". Com a revelação, a humanidade se torna 1 milhão de anos mais velha. O *A. ramidus*, de 4,4 milhões de anos, foi descrito minuciosamente por uma equipe internacional de cientistas. A descoberta saiu em edição especial da revista "Science". O espécime analisado, uma fêmea, vivia onde hoje é a Etiópia, 1 milhão de anos antes do nascimento de Lucy (tido por muito tempo como o mais antigo esqueleto de ancestral humano). A nova descoberta fornece evidências de que os chimpanzés e os humanos evoluíram de um ancestral comum, há muito tempo. Cada espécie, porém, tomou caminhos distintos na linha evolutiva.

"Este não é o ancestral comum, mas é o mais próximo que chegamos", disse Tim White, diretor do Centro de Evolução Humana da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Os humanos atuais e os macacos modernos provavelmente tiveram um ancestral comum entre 6 milhões e 7 milhões de anos atrás. O pesquisador lembrou que Charles Darwin, cujas pesquisas no século 19 abriram o caminho para a ciência da evolução, foi cauteloso sobre o último ancestral comum entre humanos e macacos. "Darwin disse que temos de ter muito cuidado. A única maneira de sabermos como este último ancestral comum se parecia é encontrando-o", afirmou White. "Em 4,4 milhões de anos, encontramos algo muito próximo a ele." Fonte:

<<http://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2009/10/02/48642-cientistas-encontram-mais-antigo-ancestral-humano-na-etioopia.html>> . Acesso em: 13 out. 2010.

^{xl} Guattari, F. *As três ecologias*. 11ª ed. 2001. [Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução: Suely Rolnik. Revisão: Josiane Pio Romera, Regina Maria Seco e Vera Luciana Morandim. Título original em francês: *Les trois écologies*. © Éditions Galilée, 1989.] 1ª Edição eletrônica. Revisada por TupyKurumin www.tupykurumin.wd2.net . p. 16.

^{xli} Idem p. 38.

^{xlii} Como se sabe, há grande discussão entre os estudiosos de Freud não alemães quanto à forma mais correta de se traduzir a palavra germânica *trieb*, pois ela tem sido traduzida por instinto e por pulsão. Veja-se como esclarece o assunto a Enciclopédia Britânica: "Although Sigmund Freud, the founder of psychoanalysis, wrote in German, he used the German word **Instinkt** infrequently. He instead relied upon the term **Trieb**. While **Instinkt** generally refers to an automatic, unlearned, stereotyped response to a specific stimulus and hence is close to the English **reflex**, **Trieb** connotes urge, impulse, *impetus*, and *desire*—*what in motivational psychology is called drive*. According to the **Oxford English Dictionary**, this is the oldest description recorded for **instinct**, making it cognate with **instigate**." <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/289249/instinct/281044/Freuds-Trieb>>. Acesso em: 17 out. 2010.

^{xliii} A vida, o modo de pensar e a obra de Freud estavam inseridos do grande retrato da modernidade. É por esse filtro também que estamos tentando buscar a correlação entre estrutura psicológica humana e a destruição ambiental. Contudo, cabe um alerta. Se passarmos a considerar as principais características do tempo presente da chamada pós-modernidade e como está nela a estruturação da subjetividade, talvez tenhamos que buscar diferentes formas de explicação. Por exemplo, na pós-modernidade parece estar havendo uma desintegração da subjetividade em favor da objetividade. O ego vai perdendo seus contornos (em que pese o excesso de individualidade) e a pergunta que se instala, em contraposição à sexualidade freudiana, o sou homem ou sou mulher?, é o *sou ou não sou?*, mais ao modo de Hamlet. Assim, se eu não sou (se surgem dúvidas quanto a isso), se não sou por não ter ego, não tenho então a capacidade de extensão. E se não tenho extensão de mim como poderei estabelecer pactos, por exemplo, o pacto com o meio ambiente?

^{xliv} Birman, Joel. O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(Suplemento): 203- 224, 2005.

^{xlv} Freud, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro, Imago Editora, Obras Completas, vol. XXI, 1996. p. 73.

^{xlvi} Idem, p. 73.

^{xlvii} Freud, S. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro, Imago Editora, Obras Completas, vol. XXI, 1996. p. 15-63.

^{xlviii} Id ou isso: , conforme está escrito em Laplanche e Pontalis, *Vocabuário da Psicanálise* (São Paulo, Martins Fontes, 2001. 4ª. ed.), p. 219, uma das três instâncias diferenciadas por Freud na sua segunda teoria do aparelho psíquico. O id constitui o pólo pulsional da personalidade. Os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são incoscinetes, por um lado hereditários e inatos e, por outro, recalçados e adquiridos. Do ponto de vista econômico, o id é, para Freud, o reservatório inicial da energia psíquica; do ponto de vista dinâmico, entra em conflito com o ego e o superego que, do ponto de vista genético, são as suas diferenciações.

^{xlix} Lacan, Jaques *O Seminário de Jacques Lacan. Livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise 1954-1955* [Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre II: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse (1954-1955)]. São Paulo, Ed. Zahar, 1987.

¹ Como a arte é uma das formas de aliviar a pressão da energia livre do inconsciente, ainda que não seja a mais eficaz nesse fazer, vamos nos lembrar quanto a esse fluxo mencionado de uma delicada e inteligente canção de Walter Franco, que num trecho diz: (...) *Viver é afinar o instrumento / De dentro prá fora / De fora prá dentro / A toda hora, todo momento / De dentro prá fora / De fora prá dentro / A toda hora, todo momento / De dentro prá fora / De fora prá dentro ...* Uma sensível interpretação pela cantora Leila Pinheiro pode ser vista em: <<http://letras.terra.com.br/leila-pinheiro/64140/>>. Acesso em: 13 out. 2010.

^{li} Freud, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro, Imago Editora, Obras Completas, vol. XXI, 1996. p. 75.

^{lii} A esse respeito muito oportuno que se veja a qualificada obra de Francesco Alberoni, *Enamoramento e amor*, publicada em 1979, na Itália, e que agora a Bertrand Editora lançou no Brasil (2010, 168 p.).

^{liii} Mas ficamos a cogitar imaginando o que acontece quando se lança um bumerangue. Se o mal-estar vem de dentro e não do mundo exterior, o que não questionamos, se ele se projetar no externo por meio de operações negativas, destruidoras de valores e patrimônios, talvez ele retorne dessa sua viagem mais sinergizado ainda por energia negativa.

^{liv} Freud, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro, Imago Editora, Obras Completas, vol. XXI, 1996. p. 116.

^{lv} Idem, p. 109-110.

^{lvi} Idem, p. 122-123.

^{lvii} Freud, S. *Mais além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro, Imago Editora, Obras Completas, vol. XVIII. 1996. p. 55.

^{lviii} Tánato ou Tánatos (do gr. θάνατος, *Thánatos* = morte) era, na mitologia grega, a personificação da morte (enquanto Hades reinava sobre os mortos no mundo inferior). Hades tem versão romana (Plutão), e Tánatos também tem: Orco (*Orcus* em latim) ou ainda Morte (*Mors*). Era conhecido por ter o *coração de ferro* e as *entranhas de bronze*, e era filho de Nix, a noite, e Érebo, a noite eterna do Hades. Era irmão gêmeo de Hipnos, o deus do sono, e sua representação uma nuvem prateada ou um homem de olhos e cabelos prateados. Tánatos habitaria os Campos Elísios junto com seu irmão. Na Psicanálise, Tánatos é a personificação mítica da pulsão de morte, impulso (instintivo e inconsciente) que busca a morte e/ou a destruição. Freud desenvolve esse conceito em *Mais além do princípio do prazer* e *Mal-estar na civilização*.

^{lix} Eros (gr. Ἔρως; para os romanos Cupido) era o deus grego do amor. Hesíodo, na sua *Teogonia*, considera-o filho de Caos, portanto um deus primordial. Além de o descrever como muito belo e irresistível, levando a ignorar o bom senso, atribui-lhe um papel unificador e coordenador dos elementos, contribuindo para a passagem do caos ao cosmos. Posteriormente foi considerado como um deus olímpico, filho de Afrodite e de Zeus, Hermes ou Ares, conforme as versões. Tendo, certa vez, Afrodite desabafado com Métis (ou Têmis), queixando-se que seu filho continuava sempre criança, a deusa lhe explicou que era porque Eros era muito solitário. Haveria de crescer se tivesse um irmão. Anteros nasceu pouco depois e, Eros começou a crescer e tornar-se robusto. Eros casou-se com Psiquê, com a condição de que ela nunca pudesse ver o seu rosto, pois isso significaria perdê-lo. Mas Psiquê, induzida por suas invejosas irmãs, observa o rosto de Eros à noite sob a luz de uma vela. Encantada com tamanha beleza do deus, se distrai e deixa cair uma gota de cera sobre o peito de seu marido, que acorda. Irritado com a traição de Psiquê, Eros a abandona. Esta, ficando perturbada, passa a vagar pelo mundo até se entregar à morte... Eros, que também sofria pela separação, implora compaixão a Zeus. Este o atende e Eros resgata a esposa e passam a viver no Olimpo. Com Psiquê teve Hedonê, prazer.

^{lx} Freud, S. *Mais além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro, Imago Editora, Obras Completas, vol. XVIII. 1996. p. 60.

^{lxi} Idem, p. 61.

^{lxii} Idem, p. 61.

^{lxiii} Freud, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro, Imago Editora, Obras Completas, vol. XXI, 1996. p. 84.

^{lxiv} Freud, S. *Mais além do princípio do prazer*. 1920. p. 44.

^{lxv} Precisamos nos assegurar que a expressão meio ambiente aqui grafada tenha o mesmo sentido com a qual a empregamos tão freqüente e trivialmente em nossos dias.

^{lxvi} Não sabemos a qual *novo problema* Freud estaria se referindo e isto pede uma boa investigação (se é que algum estudioso já não a tenha feito). Poderíamos, só como entrada, pensar na projeção, por nós provocada, para o mundo real exterior do mesmo palco de luta estabelecido em nosso mundo interior mental entre os instintos da vida e da morte.

^{lxvii} Freud, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro, Imago Editora, Obras Completas, vol. XXI, 1996. p. 113-114.

^{lxviii} Idem p. 119-120.

^{lxix} Birman, Joel. O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(Suplemento): 203- 224, 2005.